

Reflexões e perspectivas da constituição da identidade discente da Educação de Jovens e Adultos

Reflections and perspectives for constituting the identity of students in Youth and Adult Education

Reflexiones y perspectivas para constituir la identidad estudiantil en Educación Juvenil y Adultos

Recebido: 19/12/2020 | Revisado: 24/12/2020 | Aceito: 28/12/2020 | Publicado: 29/12/2020

Vitor Garcia Stoll

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4133-9313>

Universidade Federal do Pampa, Brasil

E-mail: vitorgarciaストール@gmail.com

Crisna Daniela Krause Bierhalz

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5117-6415>

Universidade Federal do Pampa, Brasil

E-mail: crisnakrause@gmail.com

Simone Silva Alves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1292-4038>

Universidade Federal do Pampa, Brasil

E-mail: sialves554@gmail.com

Leticia Leite Chaves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3247-8685>

Universidade Federal do Pampa, Brasil

E-mail: lechavess95@gmail.com

Carine Jardim de Castro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9935-6178>

Universidade Federal do Pampa, Brasil

E-mail: carine.jcastro@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa desenvolvida no Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Pampa - Campus Dom Pedrito, sobre a construção identitária dos/as discentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Objetivou-se

compreender as histórias de vida dos/as estudantes da EJA e o seu processo de construção e reconstrução identitária. Metodologicamente caracterizou-se como um estudo de caso, de caráter exploratório/explicativo e abordagem qualitativa. Teve como lócus o Estágio Supervisionado de regência no Ensino Médio, realizado em uma Instituição de Ensino da rede pública de um município da região da Campanha do Rio Grande do Sul. Os sujeitos da pesquisa foram 25 estudantes da totalidade nove da EJA. Constatou-se que a maioria tinha menos de 35 anos, cursavam a modalidade em busca da inserção no mercado de trabalho ou para melhorar de emprego, sonham em cursar a universidade e atribuem à família forte vínculo social. Concluiu-se que os discursos dos/as estudantes da EJA, representados nos textos, expressam a compreensão sobre eles/as próprios/as, à percepção dos outros a respeito deles/as e as expectativas em relação ao futuro, sendo a escola e a EJA um forte divisor entre passado e futuro.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos; Identidade; Trabalho.

Abstract

This paper presents an excerpt from a research developed in the Degree Course in Natural Sciences, at the Federal University of Pampa - Campus Dom Pedrito, on identity construction of students in Youth and Adult Education (YAE). It was aimed to figure out both YAE student life stories and their process of identity construction and reconstruction. Methodologically it was characterized as a case study, with an exploratory/explanatory character and a qualitative approach. It had as locus the Supervised Internship in high school, and was carried out in a public educational institution of a municipality in the region of Campanha from Rio Grande do Sul State, Brazil. The research subjects were the 25 students from the Totality Nine of YAE. It was found that the majority were under 35 years old, pursuing the modality in search of insertion in the labor market or to improve employment, dream of going to university and attribute to the family a strong social bond. It was concluded that the speeches of YAE students represented in the texts express understanding about themselves, of others about them, and expectations about the future, being both, school and YAE, a strong divider between past and future.

Keywords: Youth and adult education; Identity; Labor.

Resumen

Este artículo presenta un extracto de una investigación desarrollada en la Licenciatura en Ciencias Naturales, de la Universidad Federal de Pampa - Campus Dom Pedrito, sobre la

construcción identitaria de los estudiantes de Educación de Jóvenes y Adultos (EJA). El objetivo fue comprender las historias de vida de los estudiantes de EJA y su proceso de construcción y reconstrucción de identidad. Metodológicamente, se caracterizó como un estudio de caso, con un carácter exploratorio / explicativo y un enfoque cualitativo. Su locus fue la Pasantía Supervisada en la escuela secundaria, realizada en una institución educativa pública de un municipio de la región de la Campaña Rio Grande do Sul. Los sujetos de investigación fueron 25 estudiantes de los nueve de la EJA. Se encontró que la mayoría tenían menos de 35 años, persiguiendo la modalidad en busca de inserción en el mercado laboral o para mejorar sus empleos, sueñan con ir a la universidad y atribuyen un fuerte vínculo social a la familia. Se concluyó que los discursos de los alumnos de EJA, representados en los textos, expresan la comprensión sobre sí mismos, la percepción de los demás sobre ellos y las expectativas sobre el futuro, siendo la escuela y EJA un fuerte divisor entre el pasado y futuro.

Palabras clave: Educación de jóvenes y adultos; Identidad; Trabajo.

1. Introdução

A educação no Brasil é um direito social, assegurado a todos, de forma universal e gratuita, sendo o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem e a qualificação para o trabalho essenciais para a formação de homens e mulheres enquanto cidadãos e cidadãs. Entretanto, muitos/as têm esse direito impossibilitado por diversos fatores, impedindo o acesso às escolas e conseqüentemente a Educação. Conforme pesquisa realizada pelo Fundo das Nações Unidas pela Infância (UNICEF, 2018) e divulgada no relatório denominado Pobreza na Infância e na Adolescência, 20,3% das crianças e adolescentes com idades entre 4 e 17 anos, tiveram esse direito negado. Somando a essa informação, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) apresenta que 11,3 milhões de pessoas acima de 15 anos são analfabetas no país, resultado bastante expressivo e preocupante.

Baseado nesses dados, é comumente que jovens, adultos/as e idosos/as busquem na Educação de Jovens e Adultos (EJA) uma solução ou uma oportunidade de ingressar na escola, no mercado de trabalho ou numa universidade. Segundo Gouveia & Silva (2015) inicialmente a EJA tinha como finalidade apenas o ensino da escrita e da leitura, porém com o passar dos anos foi se adequando às demandas da sociedade, constituindo-se atualmente como uma modalidade de ensino que tem a função de ser reparadora, qualificadora e equalizadora (Brasil, 2000).

Para Dayrell (2011), a palavra “Educação” na sigla EJA ultrapassa o “Ensino”, ou seja,

não se reduz à escolarização e a transmissão do conteúdo científico, mas, sobretudo, valoriza os processos educativos amplos relacionados à formação humana. Ao se referir a “jovens” e “adultos” ressalta a abrangência de sujeitos, e não simplesmente alunos/as ou qualquer categoria generalizante. Sujeitos estes, que para Freire (2011), Arroyo (2007), Souza (2011) e Brunel (2014) possuem especificidades próprias.

Neste sentido, as turmas de EJA são caracterizadas pela heterogeneidade, discentes singulares em suas realidades, experiências, perspectivas e vivências, característica peculiar que consoante Almeida & Corso (2015, p. 1284) “faz com que o espaço do diverso seja repleto de riqueza social e cultural”. Desse modo, Carvalho (2011) ressalta a urgência na valorização e legitimação dos projetos pedagógicos de educação na diversidade. Ainda destaca que a escola é o espaço sociocultural no qual as diferentes identidades se encontram e se constituem, caracterizando-se, portanto, como um dos espaços mais importantes para se educar com vias ao respeito à diferença (Carvalho, 2011).

Ancorado nas concepções apresentadas a pesquisa apresenta um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso (Stoll, 2017) desenvolvido no âmbito da Licenciatura em Ciências da Natureza da Universidade Federal do Pampa - Campus Dom Pedrito. Caracteriza-se metodologicamente como um estudo de caso, com caráter exploratório/explicativo e abordagem qualitativa. A aplicação foi realizada em uma turma da totalidade nove¹ da EJA, durante o Estágio Supervisionado de regência no Ensino Médio, em uma Instituição de Ensino da rede pública de um município da região da Campanha do Rio Grande do Sul.

Como objetivo, intencionou-se compreender as histórias de vida dos/as estudantes da EJA e o seu processo de construção e reconstrução identitária. Teve como base a seguinte questão norteadora: “Qual a importância das histórias de vida dos/as discentes da EJA no seu processo identitário e como ressignificam o processo de construção de conhecimento?”

Para o levantamento de dados sobre o perfil da turma, cada estudante elaborou um texto seguindo um roteiro. Os dados foram tabulados de acordo com a análise de conteúdo, proposta por Bardin (2016), com o propósito de delinear o perfil da turma e compreender como o contexto educacional, profissional e familiar constitui a identidade do/a estudante da EJA.

A compreensão de identidade perpassa a definição de Bradley (1996): maneira como os indivíduos se percebem dentro da sociedade em que vivem e pela forma como percebem os/as outros/as em relação a si. Corroborado por Weeks (1990, p. 5), para quem a identidade relaciona-se ao sentimento de pertencer a um determinado grupo, definindo-a como “o que você

¹ A totalidade nove da EJA corresponde ao último ano do Ensino Médio.

tem em comum com algumas pessoas e o que o torna diferente de outras”. Bem como as contribuições de Norton (2000, p. 5), que atribui a identidade ao modo “como a pessoa entende sua relação com o mundo, como essa relação é construída ao longo do tempo e do espaço, e como a pessoa entende possibilidades para o futuro”.

2. Metodologia

Ressalta-se que o pensamento não pode ficar à mercê do acaso, pois nesse sentido, ele poderia enveredar pelo caminho do misticismo, da fantasia infecunda e simplesmente da confusão. Portanto, o pensamento humano necessita de algum apoio em seu movimento, pois sempre precisa de novos conceitos que lhe amplie as possibilidades. De acordo com Triviños (2007):

O materialismo Dialético rejeita a ideia que nega ao homem a capacidade de conhecer o mundo. Mas está de acordo com os céticos relativos quando afirma que o conhecimento é relativo em determinada época histórica e compartilha do ponto de vista dos dogmáticos quando assegura que o homem é capaz de apreender a verdade absoluta. Mas esse processo de apreensão da verdade absoluta não é imediato, instantâneo, e sim gradual. O pensamento avança no conhecimento do objeto. A verdade imperfeita de hoje pode ser verdade absoluta de amanhã. De maneira que a célebre “coisa em si” de Kant pode ser tal enquanto a ciência não descubra a fórmula química que permite conhecer a essência do fenômeno, e transformar essa “coisa em si” em “coisa para nós”. A busca científica transforma no mundo, a cada dia, dezenas de “coisas em si” em “coisas para nós” (Triviños, 2007, p. 25).

Nessa concepção, o objeto tem sua própria realidade fora da consciência, ele é real, concreto e, como tal, é pesquisado. Assim, o fundamental é o conhecimento do processo em si e não apenas os resultados, bem como sua atenção especial aos pressupostos que estão subjacentes à vida das pessoas (Triviños, 2001).

Quanto aos procedimentos técnicos trata-se um estudo de caso (Gil, 2002), pois teve como fulcro identificar e estudar características de uma população. Esse tipo de pesquisa analisa uma unidade que se investiga profundamente. Caracteriza-se, principalmente, pela natureza e abrangência da unidade e pela complexidade dos suportes teóricos utilizados pelo investigador (Triviños, 2007).

É relevante destacar que houve delimitação do público-alvo a ser pesquisado. No universo de várias instituições de ensino que ofertam EJA no município, escolheu-se a escola com maior número de matrículas. E nessa escola, a amostra foi restrita à turma indicada pela direção para realização do Estágio Supervisionado. Isso significa que os resultados não são

probabilísticos, ou seja, não são generalizáveis a todas as turmas e instituições que trabalham com a EJA.

Mesmo com as limitações mencionadas, os resultados são relevantes, pois a relação pedagógica ocorre entre sujeitos que possuem histórias próprias e quando valorizadas ressignificam o processo de construção de conhecimento. Também reforça a necessidade de os Cursos de Licenciatura repensarem seus projetos pedagógicos incluindo discussões que contemplem essa modalidade, considerando que esse é um amplo campo de atuação nos estágios supervisionados, bem como na futura docência.

Sendo assim, a abordagem dessa pesquisa é qualitativa (Gil, 2002), pois, consideram-se as percepções, as atitudes e as ações de um determinado grupo, preocupando-se, não apenas em contabilizar os resultados, mas em conseguir entender o porquê de ter obtido determinada constatação.

Para construir o perfil da turma, bem como as particularidades de cada sujeito, os/as estudantes elaboraram um texto descritivo, contemplando as seguintes categorias: profissional, familiar, escolar e social de suas vidas, apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Categorias analisadas na produção textual dos/as educandos/as.

Aspectos	O que busca descrever?
Profissional	Trabalha ou não trabalha; Gosta ou não gosta do trabalho.
Familiar	Com quem mora; Tem ou não tem filhos/as; O que a família representa.
Escolar	O que gosta na escola; O que não gosta na escola; Como é o relacionamento com os/as colegas e professores/as; Quanto tempo parou de estudar; Porque buscou a EJA.
Social	O que gosta de fazer quando não está na escola; Pratica ou não pratica algum esporte/atividade.

Fonte: Stoll (2017).

Os resultados foram tabulados a partir da “Análise de Conteúdo” proposta por Bardin (2016), que consiste em três etapas distintas: (1) pré-análise, (2) exploração do material e (3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na pré-análise, organizou-se o material a ser analisado com o intuito de torná-lo operacional. Inicialmente, foi realizada a leitura flutuante de cada texto construído pelos/as educandos/as durante o Estágio Supervisionado IV, regência na área de Ciências da Natureza

no Ensino Médio.

Na exploração do material, analisou-se os textos, sendo as frases que correspondiam a cada categoria transcritas para o programa Microsoft Excel, a partir do qual, foram sintetizadas até a obtenção de categorias-chave. Para preservação da identidade, os sujeitos foram identificados com caracteres alfanuméricos E-1, E-2, E-3,... E-25.

Por fim, no tratamento dos resultados, elaboraram-se tabelas, gráficos e quadros que condensam e destacam as informações fornecidas para análise. A inferência e a interpretação são apresentadas a seguir.

3. Resultados e Discussões

Conhecer os sujeitos através de suas histórias, necessidades e anseios é imprescindível no processo educativo. Ouvir e permitir ao/a estudante protagonizar suas aprendizagens é o propósito para construção de uma educação libertadora (Freire, 2019).

Percebe-se uma mudança significativa no perfil etário dos/as educandos/as: se antes havia mais adultos/as e idosos/as nas salas de aula da EJA, hoje os/as jovens ingressam cada vez mais cedo na modalidade. Para discutir essa mudança, faz-se necessário deixar explícito que a educação faz parte do contexto de toda e qualquer sociedade, logo, ela está entrelaçada no cenário conjuntural econômico-político de cada momento histórico, mergulhado num severo e brutal sistema capitalista que promove a desigualdade social e a exclusão de uma parcela significativa de brasileiros/as (Kuenzer, 2013; Souza, 2011; Marx, 2007).

Marx (2007) parte da realidade material e enfatiza que os verdadeiros problemas da humanidade não são as ideias errôneas, mas as contradições sociais reais, e que as ideias são consequências da realidade. No sistema capitalista, a escola é/era exigida pela burguesia como formadora de futuros/as herdeiros/as, que ensina aos/as seus/as abastados/as, técnicas e habilidades que lhes permitam escolher uma profissão que mantenha o elevado nível econômico-social. (Alves, Stoll & Espíndola, 2016).

Para a classe trabalhadora, a escola pode ser potencializadora do conhecimento no enfrentamento à exploração e a opressão, através de uma formação que prime o desenvolvimento intelectual, pessoal, cultural, social e econômico. No entanto, durante muito tempo - e nos dias atuais -, a escola ainda não é percebida como tal.

Souza (2011) destaca que a exclusão e a desigualdade social ao longo da história brasileira estão ligadas à EJA, uma vez que, durante muito tempo a população ficou sem acesso à educação, principalmente, aqueles/as que não moram nos centros urbanos. Muitas vezes, essas

crianças e jovens tinham suas habilidades prematuramente exigidas para ajudar no sustento da família.

Essas mesmas crianças e jovens que tiveram suas infâncias e juventudes direcionadas para o mundo do trabalho, muitas vezes, são os/as trabalhadores/as, idosos/as e donos/as de casa que, em determinado momento da vida, sentiram a necessidade de voltar à escola. Mas se esses fatores justificam o ingresso de adultos/as e idosos/as na EJA, porque há uma crescente de adolescentes e jovens na modalidade? O que esses sujeitos buscam na EJA?

De acordo com Brunel (2014), o rejuvenescimento da EJA começou a surgir no panorama brasileiro a partir da década de 1990. Para justificar esse fenômeno, a autora atribui os seguintes fatores: pedagógicos, políticos, legais e estruturais.

Quanto aos fatores pedagógicos, a autora relata que é comum jovens chegarem à EJA desmotivados, retidos e desencantados com o Ensino Sequencial². O histórico de reprovações faz com que o/a jovem fique com uma idade mais avançada do que os/as colegas, sentindo-se deslocado/a e infantilizado/a. Além disso, a falta de professores/as nas escolas e a metodologia tradicional, baseada no ensino bancário descrito por Freire (2019), também contribuem para o desestímulo dos/as educandos/as.

Quanto aos aspectos políticos e legais, a autora destaca que eles são facilitadores para a entrada de estudantes cada vez mais jovens na modalidade, uma vez que, do ponto de vista legal, houve um rebaixamento da idade mínima permitida para o ingresso na EJA (15 anos no Ensino Fundamental e 18 no Ensino Médio). Do ponto de vista político, há procedimentos praticados no sistema de ensino que colaboram para que os/as estudantes em defasagem idade/série migrem do Ensino Sequencial para EJA. Por exemplo, é comum que estudantes indisciplinados/as e/ou com baixo desempenho, ao completarem 15 anos, sejam estimulados/as a ingressar na modalidade.

Contudo, vale ressaltar também, que devido à pobreza e concentração de renda, alguns/as jovens inserem-se cedo de maneira informal - ou não - no mercado de trabalho. Souza (2011) destaca que vários/as deles/as procuram a EJA com o intuito de obter o primeiro emprego ou melhorar as condições do atual, o que demonstra uma racionalidade técnica por trás da continuidade escolar.

Arroyo (2007, p. 6) relata que “a juventude popular está cada vez mais vulnerável, sem

² Entendemos o Ensino Sequencial como a etapa da Educação Básica que compreende os Ensinos Fundamental e Médio Regular. Contudo, não utilizamos a expressão “regular”, pois afirmá-la desse modo seria equivalente a insinuar que as modalidades de ensino (Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo, Educação Quilombola, dentre outras) são irregulares.

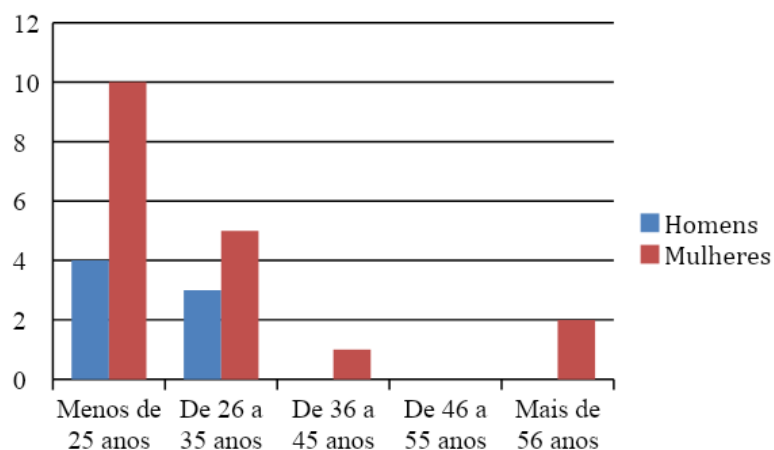
horizontes, em limitadas alternativas de liberdade”, sendo comum o/a professor/a da EJA se deparar com educandos/as desmotivados/as e com histórico de repetência. Brunel (2014) destaca que, geralmente, os/as jovens atribuem a si um fracasso que não é só dele/a.

Por esse motivo, torna-se importante ouvi-los/as e reconhecer a diversidade de sujeitos da EJA: trabalhadores/as, aposentados/as, jovens retidos/as ou em busca do primeiro emprego, enfim, uma infinidade de sujeitos com contextos, histórias e personalidades concretas e distintas.

No que tange ao perfil da turma onde a pesquisa foi realizada, a mesma é composta por 25 educandos/as, sendo 18 do gênero feminino e 07 do gênero masculino. As mulheres correspondem a 72% da sala e os homens 28%. A faixa etária varia entre 18 e 70 anos.

O Gráfico 1 apresenta um comparativo entre a idade e o gênero dos/as pesquisados/as. Percebe-se que 14 estudantes (10 mulheres e 04 homens) têm menos de 25 anos; 08 educandos/as (05 mulheres e 03 homens) têm idades entre 26 e 35 anos; e 03 possuem mais de 36 anos. Tais informações demarcam um perfil jovem na turma, composto por várias juventudes.

Gráfico 1 – Idade *versus* gênero dos educandos pesquisados.



Fonte: Stoll (2017).

Mas o que é juventude? Para Dayrell (2011), a juventude pode ser entendida como uma condição social e uma representação. Se por um lado há uma universalidade dada as transformações físicas e psicológicas que os indivíduos passam nessa fase, por outro, a forma como a sociedade lida diante dessas transformações varia no tempo e no espaço. Dessa forma, não existe uma juventude, mas sim, juventudes (no plural), pois, são levados em conta fatores sociais e culturais.

Diante disso, o autor defende que não se deve construir um modelo prévio do que seja a juventude e por meio dele analisar os/as jovens (Dayrell, 2011). Ou seja, os/as professores, gestores/as e demais educadores que trabalham com a EJA precisam entender e conhecer os sujeitos com os quais atuam, ao invés de tentar construir um determinado padrão para representar o modo de ser jovem.

No que se refere ao **aspecto profissional**, 44% trabalham e 56% não trabalham. Dentre as atividades desenvolvidas no trabalho estão: vendedor/a (03), funcionária do lar (02), mecânico (02), cabeleireiro (01), merendeira (01), técnico de campo (01) e secretária (01).

A seguir são transcritos alguns trechos que demonstram que há uma relação intrínseca entre o mundo do trabalho e a EJA.

E-02: Não trabalho, não por falta de vontade, mas pela falta de emprego na nossa cidade, principalmente para as pessoas sem experiência.

E-04: No momento não estou trabalhando, acredito que arrumar um emprego em nossa cidade não está nada fácil, mas sei que depois de formada no Ensino Médio se abrirão muitas portas.

E-12: Não gosto de ser doméstica, mas não estudei quando tive oportunidade por isso voltei a estudar depois de 11 anos.

E-14: Meu serviço aqui é puxado, recebo R\$ 400,00 para faxinar e auxiliar minha mãe. A minha mãe trabalha cuidando de uma mulher há 20 anos, ela é deficiente e é muito pesada. Nós a levantamos no colo e a locomovemos com uma cadeira de rodas. (...) A minha vida não é tão fácil quanto parece, perdi um monte de aula por causa do serviço.

E-17 Parei de estudar porque saí de casa para trabalhar. Até que no início consegui conciliar casa, trabalho e escola, mas depois não deu!

Como destaca Pinto (2007, p. 79) “o trabalho expressa e define a essência do homem em todas as fases de sua vida (infância à velhice), mas é no período adulto que melhor se compreende seu significado como fator constitutivo da natureza humana”. Muitos/as jovens e adultos/as procuram a EJA por causa do trabalho e outros têm no trabalho o conflito com a educação. Assim como Pinto (2007), Codo (2006, p. 135) afirma que “a vida dos homens não se reduz ao trabalho, mas também não pode ser compreendida na sua ausência”, reforçando que os homens e as mulheres constituem sua identidade em estreita relação com o trabalho.

Por exemplo, E-12 (funcionária do lar, 31 anos) voltou para EJA em busca de um emprego melhor. Já E-14 (funcionária do lar, 22 anos) por precisar trabalhar, possui dificuldade em conciliar os estudos na modalidade. Tal constatação demarca a ideia de Souza (2011) que sugere que os/as estudantes procuram a EJA devido à racionalidade técnica, ou seja, em busca do primeiro emprego ou de um melhor.

Quanto ao **aspecto familiar**, a Tabela 1 mostra que 16 educandos/as constituem uma

família nuclear [pai, mãe e irmãos/ãs (06), pai e mãe (05), cônjuge e filhos/as (05)]. Sendo relevante destacar que 09 são mães, representando 36% da turma. Destas, 03 têm menos de 25 anos.

Tabela 1 – Composição familiar dos pesquisados/as.

Com quem você mora?	Quantidade de respostas
Pai, mãe e irmão(s)/irmã(s);	06
Pai e mãe;	05
Cônjuge e filho(s)/filha(s);	05
Cônjuge;	02
Filhos;	01
Mãe e filho;	01
Filho e neto;	01
Marido, sogro, cunhado e filha;	01
Mãe, padrasto, irmão e namorada;	01
Sozinha	01
Não respondeu.	01

Fonte: Stoll (2017).

Pesquisas mostram que a gestação precoce pode conduzir ao afastamento escolar “pelos adolescentes, por várias questões, como: sintomas típicos da gravidez, vergonha, preconceito, pressão familiar, escolar, principalmente por parte dos amigos, dentre outros”. (Rocha, 2009).

Rocha (2009) e Ávila (2015) observam que a gravidez precoce também tem reflexos na política socioeconômica, porque intimida a competência das futuras trabalhadoras. Por causa da evasão escolar, as adolescentes perdem a oportunidade de concluir os estudos que, no futuro, podem melhorar a situação financeira delas. Hoje, as adolescentes que não possuem nível médio já encontram o mercado de trabalho exíguo.

Gomes et al. (2020) em um estudo sobre o perfil da EJA identificaram que as estudantes da modalidade, em maioria, haviam desistido do Ensino Sequencial por conta da família ou filhos/as. Por outro lado, os autores também destacam que as mulheres tendem ao retorno aos bancos escolares, via EJA.

Os trechos a seguir mostram outras conformidades de famílias e a relação de proximidade dos/as educandos/as com seus familiares.

E-04: Minha família é tudo para mim! Moro com meu ‘namorado’ e pretendemos ter dois filhos mais para frente, tenho minha casa, mas passo mais tempo na casa da minha mãe onde mora meu pai e minha irmã também. Eles são tudo o que tenho e o motivo da minha alegria.

E-06: Eu tenho uma filha linda que tem 01 ano e 08 meses, moro com meu marido, meus

sogros e cunhados. Eles representam tudo, me dão apoio, me ajudam e me inspiram.

E-17: (...) Já a família constituída da minha parte é uma “motivação”, motivação? Sim, motivação para que eu possa encontrar meu lugar na sociedade. (...) Levo uma forma de viver que para família ‘tradicional’ é meio estranha, estranho ‘ainda’ por possuir uma relação homoafetiva, somos apontados por isso. Estou lutando com educação, pois podemos chegar onde queremos e devemos.

Para entender melhor o que a família representa, foram transcritos alguns trechos de cada texto para um programa online que, através de uma nuvem de palavras, destacou as mais frequentes (Figura 1).

Figura 1 – Nuvem de palavras descrevendo o que a família representa para os/as pesquisados/as.



Fonte: Stoll (2017)

Todos/as os/as educandos/as mencionaram a família em suas escritas, sendo a frase mais frequente: “minha família é tudo para mim”, o que demonstra uma relação de afetividade com os familiares. Nessa turma, também há relação de consanguinidade entre mãe/filha e irmãos/primos. O que reafirma a importância do envolvimento entre família e escola e o papel das inter-relações entre família, promovendo o aprimoramento das relações e o fortalecimento de vínculos e laços de afeto, que acabam por contribuir no processo de ensino e aprendizagem (Ferreira & Marturano, 2002).

Já na categoria **aspecto educacional**, 03 alunos/as nunca pararam de estudar, ou seja, apenas trocaram o Ensino Sequencial pela EJA; 07 pararam um ano ou menos e 04 entre dois a cinco anos. Os/as que pararam há mais de seis anos, total de 11, efetivamente possuem idade mais elevada.

Quanto ao motivo principal da busca pela EJA, 08 buscaram a modalidade porque cada

totalidade pode ser realizada em seis meses; 05 para concluir o Ensino Médio em menor prazo; 03 para ingressar no Ensino Superior; 03 para melhorar de emprego; 02 devido à retenção; 02 por causa dos familiares; 01 porque se sente com idade avançada para o Ensino Sequencial; e 01 por ser um curso noturno.

Embora o ingresso no Ensino Superior ou em cursos técnicos não tenha sido o motivo principal dos/as educandos/as buscarem a EJA, 09 (36%) relataram que querem ingressar em uma universidade após a conclusão do Ensino Médio e 06 (24%) desejam realizar cursos técnicos. A seguir são destacados alguns trechos das respostas que evidenciaram esse interesse.

E-13: Neste momento da minha vida estou com metas a concluir; dando a máxima importância aos meus estudos e concluí-los com sucesso, pois pretendo me tornar uma enfermeira. Com a conclusão da EJA tenho em foco a conclusão da minha 2ª meta que é entrar no curso técnico em enfermagem e assim realizar meu sonho.

E-17: Eu quero um curso superior para ajudar na minha profissão, adoraria cursar Química, mas como na minha cidade “por enquanto” o que me oferecem é Licenciatura em Ciências da Natureza, terei que cursar a mesma.

E-18: Parei durante 18 anos e voltei porque tenho o sonho de ingressar na faculdade, ou fazer outros cursos técnicos e o EJA foi o meio mais rápido de recuperar o tempo perdido.

E-21: Pretendo acabar meus estudos e fazer um curso, tenho um sonho de ser técnica em enfermagem, quero me dedicar a este curso e realizar meus sonhos.

Percebe-se que os/as estudantes 13, 18 e 21 utilizaram a palavra “sonho” em seus relatos, o que demonstra que o ingresso no Ensino Superior ou em algum curso técnico é uma forma de realizar um desejo, uma meta, um objetivo. E, Albuquerque (2003) explica:

Quando tentamos compreender a vida nos damos conta do paradoxo: que para a compreensão da realidade, o mundo dos sonhos e dos desejos, não entra; ficando definitivamente de fora. Parece que a realidade da vida não pode ser percebida de outra forma a não ser através de fragmentos que apontam para situações imensamente diferentes e superpostas que não admitem o desejo, o sonho. O significado deste perceber a vida não está na fragmentação, mas no modo como as pessoas aprendem e constroem os seus saberes (Albuquerque, 2003, p. 20).

Quanto ao relacionamento dos/as educandos/as entre si, inicialmente, havia um clima de conflito na sala de aula. Ao começar o semestre letivo, a escola possuía três totalidades 09 (turmas 91, 92 e 93). Após um mês de aula, as turmas 91 e 92 foram unidas sem avisar previamente os/as educandos/as. Os relatos a seguir fazem menção à união das turmas:

E-04: Meu relacionamento com os da 92 é muito bom, mas com os da 91 é meio ruim

pois tem uns que se acham mais que os outros”.

E-13: Não gosto dessa parte de grupinhos e não me encaixo nisso! (...) Depois que juntaram as turmas, o clima da aula ficou ruim.

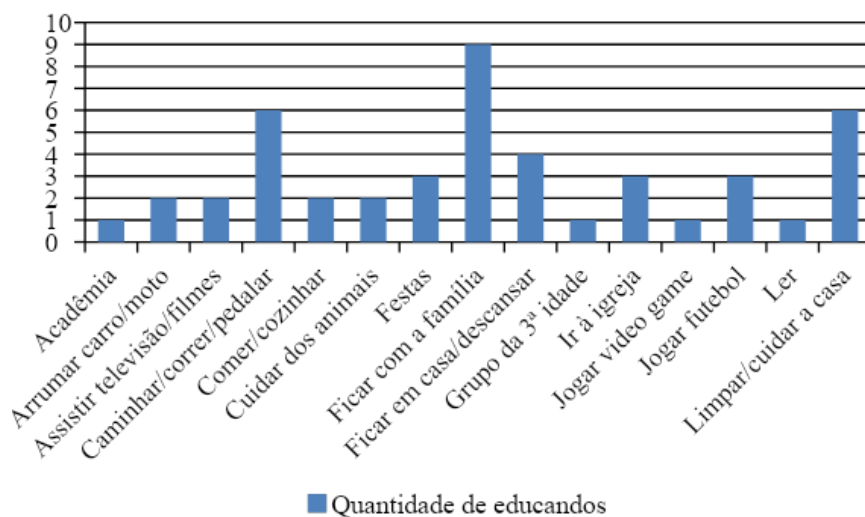
E-14: Eles [os professores] querem que a gente se dê bem, mas continuam nos tratando como 91 e 92. (...) A chamada é separada, os trabalhos são entregues separados, os professores continuam separando a 91 da 92.

E-15: O que menos gosto na escola é talvez terem juntado as turmas, pois a direção não nos comunicou simplesmente nos colocou juntos e ponto.

No início do estágio, fazia duas semanas que as turmas haviam sido unidas. Com o decorrer das aulas, o relacionamento foi melhorando. Dentre as ações planejadas, foram realizadas as seguintes: unir as duas chamadas em uma só, para não distinguir 91/92, realização de atividades em duplas, dinâmica interacional, na qual, cada membro da turma relatou um momento marcante da sua vida, dentre outras.

Por fim, no **aspecto social**, o Gráfico 2 mostra o que os/as educandos/as gostam de fazer quando não estão na EJA. Percebe-se que a maioria (09) gosta de estar com a família. Consoante Tavares & Nogueira (2013) a família é uma das principais instâncias sociais a que estamos inseridos e onde há o primeiro processo de socialização humana.

Gráfico 2 – Atividades desenvolvidas pelos educandos como lazer.



Fonte: Stoll (2017)

Além disso, observa-se que 06 limpam e cuidam da casa e 10 praticam esportes (caminhada, corrida, pedalada, futebol e academia) como forma de lazer. De acordo com Fraporti & Müller (2015) essas relações auxiliam no desenvolvimento social, motor e cognitivo, estando interligadas às interações sociais, pois possibilitam o convívio com outras pessoas e a aquisição de novos conhecimentos.

Apesar de apenas 01 estudante relatar que gosta de ler quando não está na escola, supõem-se que a maioria gosta de escrever, uma vez que, através da produção textual foi possível delinear todos os aspectos do perfil da turma.

É relevante frisar que, embora alguns aspectos tenham sido apresentados coletivamente, cada educando/a possui suas especificidades próprias. Desse modo, através das produções textuais, foi possível perceber parte da história e personalidade de cada um/a, sendo essencial para o desenvolvimento das atividades durante a pesquisa.

4. Considerações Finais

A relevância de pesquisas em educação é indiscutível, uma vez que essas têm avançado muito na conquista da democratização do ensino. Entretanto, o desenvolvimento das pesquisas científicas na área, em especial na EJA, apesar do crescente aumento, ainda são pouco expressivas, muito se tem a caminhar. Conforme corroboram Ventura, Cruz & Marques (2020, p. 19) referente ao levantamento realizado na Plataforma de Periódicos da CAPES embora “(...) haja bastante produção acerca da EJA, todavia, com relação à reflexão sobre propostas pedagógicas próprias para a modalidade no Ensino Médio, as produções tornam-se escassas”.

Ao longo deste artigo buscou-se compreender as histórias de vida dos/as estudantes da EJA e o seu processo de construção e reconstrução identitária, objetivo alcançado a partir dos resultados e das evidências obtidas nos textos construídos pelos/as discentes.

Na categoria profissional, percebeu-se que muitos jovens estão na EJA em busca do primeiro emprego ou na melhoria do emprego atual. Estes estão inseridos na condição de trabalhadores/as-estudantes. O trabalho, com suas vicissitudes, transforma homens e mulheres através da necessidade e da liberdade, do prazer e do sofrimento, da alienação e não alienação. Desse modo, percebeu-se que o trabalho confere identidade própria e construção de experiências e saberes.

Identificou-se também, inúmeras conformações de famílias na turma investigada. Uma particularidade é o carinho e o apreço como descrevem o relacionamento com os familiares e a relação em estarem estudando na modalidade EJA pensando em oportunizar melhores condições de vida para esses.

Na categoria educacional, alguns/as educandos/as relataram situações de conflito, o que torna evidente a construção da identidade a partir do sentimento de pertencimento a um determinado grupo. As vivências, experiências e identidades concretas tornam a sala de aula da EJA um ambiente heterogêneo e desafiador. Assim, sinaliza-se para a necessidade da criação

de uma componente curricular sobre a temática da EJA nos cursos de Licenciatura que ainda não a possuem.

Além disso, percebeu-se que o fenômeno da juventude na EJA também está presente na turma pesquisada, demarcando uma nova conformação etária na modalidade. A maioria dos/as discentes têm menos de 35 anos, o que exige do/a docente compreender que existem várias juventudes. Ou seja, diferentes sujeitos imersos em distintos contextos sociais e culturais, constituídos por experiências vivenciadas como estudantes, com professores/as, familiares, amigos/as, pelas convenções e discursos produzidos nas mais diferentes instâncias sociais, enfim, tudo que diz respeito ao ser e ao fazer da pessoa concorre para a construção de sua identidade.

Por fim, demarca-se que pesquisas sobre a constituição identitária dos/as estudantes da EJA devem ser aprofundadas e aplicadas em diversos contextos e instituições, pois a partir delas é possível (re)pensar estratégias didático-pedagógicas que contemplem a diversidade dos/as educandos/as, levando em conta suas particularidades e diferenças. Além disso, pretende-se em um estudo futuro, contactar esses mesmo sujeitos a fim de verificar se alcançaram seus objetivos após a certificação do Ensino Médio.

Referências

Albuquerque, P. P. (2003). Reflexões Sobre Contemporaneidade, Educação e Agir Cooperativo. In: Schneider, J. O. *Educação cooperativa e suas práticas*. Brasília: Unisinos. 109-134.

Almeida, A. & Corso, A. M. (2015). A Educação de Jovens e Adultos: aspectos históricos e sociais. In: *XII Congresso Nacional de Educação*. Curitiba: PUCPR.

Alves, S. S.; Stoll, V. G.; Colman, Q. C. (2016). (Re) Educação das relações étnico-raciais: ação-reflexão na formação de professores na Educação Básica. *Conexões Culturais – Revista de Linguagens, Artes e Estudos em Cultura*, 2 (1), 13-29.

Arroyo, M. G. (2007). Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares? *Revista de Educação Nacional de Jovens e Adultos*, 1 (1), 5-19.

Ávila, I. L. (2015). *A reincidência da gravidez na adolescência e a evasão escolar*. Dissertação: Educação Escolar, Universidade Estadual Paulista Campus Araraquara - UNESP.

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Bradley, H. (1996). *Fractured identities*. Cambridge: Polity Press.

Brasil (2000). *Parecer n. 11/2000*. Brasília: Conselho de Educação Básica.

Brunel, C. (2014). *Jovens cada vez mais jovens na Educação de Jovens e Adultos*. Porto Alegre: Mediação.

Carvalho, R. A. (2011). *A construção da identidade e da cultura dos povos do campo, entre o preconceito e a resistência: o papel da educação*. Tese: Educação, Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP.

Codo, W. (2006). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes.

Dayrell, J. T. (2011). A juventude e a Educação de Jovens e Adultos: Reflexões iniciais – novos sujeitos. In: Gomes, NL. *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica. 53-68.

Demo, P (2007). *Educar pela pesquisa*. São Paulo: Autores associados.

Ferreira, M. T. & Marturano, E. M. (2002). Ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15 (1) 35-44.

Fischer, M. B. (2012). Educação de Jovens e Adultos e o mundo do trabalho: conversando sobre o tema com os professores de EJA. In: Godinho, AF et al. *Entre imagens e palavras: práticas e pesquisas na EJA*. Porto Alegre: Panorama Crítico. 116-128.

Fraporti, K. & Müller, G. C. K. (2015). *A educação física e a vivência corporal dos alunos da EJA de São Miguel do Oeste*. Monografia: Educação Física, Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC.

Freire, P. (2019). *Pedagogia do oprimido* (18ª ed.) Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (2011). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Gatti, B. A. (2007). *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Liber Livro Editora.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª ed.). São Paulo: Atlas.

Gomes, J. E. H. et al. (2020). Perfil dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos na Cidade de Macapá, Estado Amapá, Brasil (2018). *Research, Society and Development*, 9 (8), 1-18.

Gouveia, D. M. & SILVA, A. B. (2015). A formação educacional na EJA: dilemas e representações sociais. *Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências*, 17 (3), 749-767.

IBGE (2019). *Conheça o Brasil: educação*. <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>

Kuenzer, A. Z. (2013). *Planejamento e educação no Brasil*. São Paulo: Cortez.

Marx, K. (2007). *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular.

Norton, B. (2000). *Identity and language learning: gender, ethnicity and educational change*. London: Pearson Education.

Pinto, A. V. (2007). *Sete lições sobre educação de adultos* (15ª ed.). São Paulo: Cortes, 1984.

Rocha, C. A. (2009). *Gravidez na adolescência e evasão escolar*. Trabalho de Conclusão de Curso: Pedagogia, Universidade Estadual Paulista - UEP.

Saviani, D. (2007). Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, 12 (34), 152-165.

Souza, M. A. (2011). *Educação de Jovens e Adultos* (2ª ed.). Curitiba: Ibopec.

Stoll, V. G. (2017). *O portfólio como instrumento didático-metodológico no processo avaliativo de Ciências da Natureza na EJA*. Monografia: Ciências da Natureza, Universidade Federal do Pampa Campus Dom Pedrito - UNIPAMPA.

Tavares, C. M. M. & Nogueira, M. O. (2013). Relação família-escola: possibilidades e desafios para construção de uma parceria. *Revista Formação-Docente*, 5 (1), 43-57.

Triviños, N. A. (2001). *Bases teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Porto Alegre: Editora da Ritter dos Reis.

Triviños, N. A. (2007). *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo*. São Paulo: Atlas.

UNICEF (2018). *Pobreza na infância e na adolescência: relatório 2018*. https://www.unicef.org/brazil/media/156/file/Pobreza_na_Infancia_e_na_Adolescencia.pdf.

Ventura, J. P.; Cruz, T. E.; Marques, C. F. (2020). As pesquisas sobre o Ensino Médio na EJA: uma análise de artigos da Plataforma de Periódicos da CAPES. *Perspectivas*, 38 (1), 1-25.

Weeks, J. (1990). The value of difference. In: Rutherford, J. *Identity: community, culture, difference*. London: Lawrence & Wishart. 88-100.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Vitor Garcia Stoll – 30%

Crisna Daniela Krause Bierhalz – 20%

Simone Silva Alves – 20%

Leticia Leite Chaves – 15%

Carine Jardim de Castro – 15%